

## DISCUSSÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS DA PEQUENA E MÉDIA CIDADE

### THEORETICAL AND PRACTICAL DISCUSSIONS ABOUT THE SMALL AND MEDIUM CITY

Lucas Manoel<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este trabalho é resultado de observações diretas em campo realizadas nos Municípios de Elói Mendes e Varginha – centros urbanos de, respectivamente, pequeno e médio portes, localizados ao Sul do Estado de Minas Gerais. Objetivou-se relacionar as paisagens urbanas às discussões teóricas realizadas em ambiente acadêmico acerca das pequenas e médias cidades. Por meio desta metodologia foram evidenciadas: as peculiaridades de cada local, a relação hierárquica existente entre ambos e suas evoluções demográficas. As atividades práticas de observação e descrição dos espaços referidos possibilitaram, portanto, uma compreensão sistemática da questão da evolução urbana.

**Palavras-chave:** Paisagens Urbanas. Atividade de Campo. Evolução Urbana.

#### ABSTRACT

This work is the result of direct field observations made in the municipalities of Elói Mendes and Varginha - urban centers of, respectively, small and medium sized, located to the south of the State of Minas Gerais. The objective was to relate the urban landscapes to the theoretical discussions held, in an academic environment, about small and medium-sized cities. Through this methodology were evidenced: the peculiarities of each place, the hierarchical relationship existing between both and their demographic evolutions. The practical activities of observation and description of the mentioned spaces allowed, therefore, a systematic understanding of the question of urban evolution.

**Keywords:** Urban Landscapes. Field Activity. Urban Evolution.

---

<sup>1</sup>Universidade Federal de Alfenas/MG. lucasgrutam@hotmail.com  
Número Especial da Revista Estudos Geográficos – XIII Seminário da Pós-Graduação em Geografia, Rio Claro, 15(0): 2-16, jan./jun. 2017 (ISSN 1678—698X) <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

## INTRODUÇÃO

Ter como objeto de estudo questões ligadas à cidade não é tarefa fácil devido ao fato de que há muitos elementos que envolvem o “ambiente urbano”. No sentido de colaborar para a compreensão do tema da evolução urbana, este trabalho objetiva correlacionar aspectos teóricos às paisagens observadas nos centros urbanos dos Municípios de Elói Mendes e Varginha, respectivamente de pequeno e médio portes, localizados ao Sul do Estado de Minas Gerais.

As análises foram guiadas pelas seguintes proposições: tipologia da cidade; fator histórico; expansão urbana; morfologia-funcional; uso do solo e participação na rede urbana. Além disso buscou-se, com base em levantamentos demográficos, demonstrar os ritmos de crescimento populacional que regem a pequena e a média cidades.

Os procedimentos metodológicos pautaram-se na revisão bibliográfica dos temas abordados e em observações diretas em campo nas quais foram descritas as realidades espaciais. Depois de uma breve discussão teórica, trabalha-se as cidades pequena e média para, por fim, ser apresentada nas considerações finais, uma análise comparativa entre os centros urbanos.

## NOTAS SOBRE CIDADE

Há muitos estudos e teorias sobre a origem da cidade. Segundo Singer (1982), esta advém, juntamente com outros fatores, do excedente produzido no campo e se constitui por uma população não produtora de alimentos. Do surgimento dos primeiros núcleos urbanos à sua consolidação como um “lugar de concentração e efervescência das vidas social, econômica, política e cultural” – aspectos constitutivos do espaço urbano (Spósito, 2006) –, a cidade passou, ao longo dos séculos, por diversas reformulações.

É importante lembrar que, para Singer (1982), neste local aparecem os produtos mais sofisticados – aqueles criados para satisfazer os viveres do cotidiano das pessoas – e surgem as sociedades em classes, diferentes das sociedades formadas por grupos sociais. Sobre os agentes norteadores do espaço urbano, Spósito (2006) elenca: os detentores do capital; latifundiários; loteadores; o próprio Estado e os agentes sociais excluídos que, de forma individual ou em conjunto, proporcionam à cidade três tipos de crescimento: demográfico, vertical e horizontal:

[...] um dos principais indicadores para se identificar as cidades, tanto no nível do senso comum quanto no nível das estatísticas, é o

Número Especial da Revista Estudos Geográficos – XIII Seminário da Pós-Graduação em Geografia, Rio Claro, 15(0): 2-16, jan./jun. 2017 (ISSN 1678—698X) <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

número de habitantes [...] esse indicador pode ser [...] por faixas de idade, profissões, renda, índices de natalidade e mortalidade [...] O crescimento horizontal é definido pelo perímetro da cidade com planta urbana, que vai se desdobrando com novos loteamentos ou ações que resultam na incorporação da terra rural à área urbana (p.27).

Em relação ao uso do solo urbano, Maricato (1982) revela que os diferentes tipos de usos se dão pela ação do capital. Para a autora, o capital imobiliário é “um falso capital” porque “a origem de sua valorização não é a atividade produtiva, mas a monopolização do acesso a uma condição indispensável àquela atividade”. Desta forma, por não produzir e ser essencialmente especulativo, o mesmo independe de concorrentes diretos.

Sobre a morfologia-funcional das cidades mineiras, Amorim Filho e Sena Filho (2007) evidenciam que os centros urbanos podem ser divididos em quatro áreas distintas: a parte central; o pericentro; a periferia; o periurbano (limite entre o rural e o urbano). Na medida em que os centros urbanos se expandem horizontalmente, as mesmas podem ganhar novas escalas e funções como, por exemplo, a delimitação por zonas e não mais por áreas, principalmente nas médias e grandes cidades.

No que diz respeito à evolução (crescimento urbano), é possível classificar as cidades como pequenas, médias e grandes. As cidades médias surgem, segundo Spósito (2006), a partir da descentralização do capital intensivo nas metrópoles o qual, nas últimas décadas, tem optado por investir em centros urbanos menores em busca de mais oportunidades e lucro.

Para Campos e Silva (2008), a contradição existente entre as médias e as grandes cidades se dá pelo fato de que, na metrópole, o uso do solo não ocorre pelo “alocamento” das pessoas segundo sua ocupação no processo produtivo (divisão territorial do trabalho), mas conforme o poder aquisitivo. Como exemplo, vê-se que os moradores da metrópole se movem em um espaço temporal maior e cada vez mais subjugado ao valor de troca.

Em relação à rede urbana – definida como centros urbanos funcionalmente articulados (Corrêa, 2006) –, até a década 1960 havia pouca complexidade, com funcionalidade meramente regional. Posteriormente, nítidas transformações começaram a ocorrer em São Paulo e no Rio de Janeiro, estendendo-se às metrópoles regionais e às que ainda estavam em processo de construção e consolidação: a industrialização no campo e na cidade; a urbanização; melhorias nas vias de circulação; o início da articulação entre os próprios centros urbanos.

O autor revela, ainda, que o Brasil dispõe de um número muito grande de pequenos centros urbanos que participam da globalização, seja através da produção direta, ou por meio do consumo dos produtos. Para o autor, esse processo de integração pode ser entendido como a fase superior da espacialidade capitalista, devido aos poderes

político e econômico de que dispõem as grandes corporações. Nessa perspectiva, os investimentos são pensados em nível global propiciando, a partir da demanda do capital, a criação de novos núcleos urbanos.

A cidade é, portanto, passiva de segregação que, com base nos diferentes momentos históricos e nas diversas realidades espaciais existentes, se estabelece como residencial; urbana; social; socioespacial (Roma, 2008). Trata-se dos efeitos negativos de uma globalização excludente que se reflete diretamente na qualidade de vida dos moradores.

Trabalhar conceitos sobre cidade – as tipologias, os fatores históricos, a expansão urbana, o uso do solo – ou, simplesmente, contemplar as paisagens urbanas a fim de decifrá-las é um exercício intelectual relevante. Com dedicação, é possível colaborar para a compreensão deste objeto de estudo, ao mesmo tempo tão presente e tão distante do cotidiano das pessoas, que se constitui como local de inclusão e exclusão, de interações e reformulações, feito de concreto e de alma.

## **CIDADE PEQUENA**

Elói Mendes (Figura 1) está localizada ao Sul do estado de Minas Gerais, distante 335 km da Capital Belo Horizonte, a mesma distância de São Paulo e 420 km do Rio de Janeiro. Possui 25.220 habitantes (Censo 2010). Faz parte da microrregião de Varginha e do conjunto de Municípios banhados pelo lago de Furnas. Sua principal via de acesso é a BR 491, que liga a cidade à rodovia Fernão Dias, importante eixo de conexão entre as metrópoles de Belo Horizonte e São Paulo.

Figura 1 - Vista parcial do perímetro urbano de Elói Mendes/MG



Fonte: Autor, 2016

É classificada, segundo Corrêa (2011), como cidade de pequeno porte por não ultrapassar 20-30 mil habitantes e por possuir outras características correlatos aos

pequenos centros urbanos, como os limitados processos de industrialização, urbanização e a pouca articulação interna.

Sua origem data do final do século XVIII, época em que o local era conhecido como Arraial da Mutuca (Figueiredo, 2015). Ainda segundo o autor, o desenvolvimento do Município ocorreu, principalmente, pela procura por terras da região, caracterizadas pela fertilidade. Manoel (2016) evidencia alguns dos fatores que contribuíram direta ou indiretamente para o aumento da população local entre os anos de 1970 e 2010: a reforma e a ampliação das principais vias de acesso à cidade; a criação das associações comercial, industrial e da agropecuária local – entidade que auxiliou na gestão das atividades comerciais do Município – e a instalação do distrito industrial que, além de oferecer aporte logístico e estrutural às fábricas já existentes, proporcionou a instalação de outras que, sem dúvida, alavancaram a oferta de empregos. Nesse sentido, a Tabela 1 apresenta a evolução populacional do Município Este crescimento urbano está associado, dentre os fatores referidos, às políticas públicas de desenvolvimento econômico ocorridas no país a partir da década de 1990.

Tabela 1 – Evolução populacional de Elói Mendes/MG entre 1970 e 2010

Ano	População Total	População Urbana	População Rural
1970	14.697	6.798	7.899
1980	16.981	9.328	7.653
1991	19.373	12.988	6.385
2000	21.947	17.055	4.892
2010	25.220	20.374	4.846

Fonte: IBGE- Censos: 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Organizado pelo Autor, 2016

Os dados acima indicam que, em quarenta anos, houve um acréscimo de 10.523 habitantes no Município, sendo que na área urbana o aumento foi de 13.576 pessoas, ou seja, 3.053 indivíduos a mais do que o ganho total, diferença que corresponde exatamente ao número de moradores que deixaram o campo no mesmo período – cerca de 509 famílias (considerando seis pessoas por grupo familiar). Estes dados indicam que, embora nem todos os indivíduos tenham, de fato, tomado o mesmo rumo, o número de pessoas que deixaram o campo se aproxima muito do número das pessoas que se alocaram (a mais) na cidade.

Ao comparar os resultados obtidos com as taxas de crescimento em nível nacional nota-se que no mesmo período, a população total do Brasil cresceu 101,8%, a urbana 204,2% e a rural reduziu 28,3%. Este índice de redução foi menor do que o registrado em Elói Mendes, indicação de que, ali, o processo de migração campo-cidade foi mais acelerado, o que é possível notar devido à taxa maior de pessoas que deixaram o campo (local), em comparação à encontrada no âmbito nacional.

A classificação da cidade foi realizada segundo os tipos elencados por Corrêa (2011): lugares centrais; reservatórios de força-de-trabalho; centros que vivem de recursos externos; centros especializados e subúrbios-dormitório. De acordo com os mesmos, o Município se enquadra, preponderantemente, como uma cidade central (em nível local) e como reservatório de força-de-trabalho, pois os habitantes têm vínculos empregatícios na cidade de Varginha, onde há diversas empresas contratantes, também de mão de obra externa.

Com base na proposta de Amorim Filho e Sena Filho (2007), observa-se um núcleo central, onde se concentram os principais equipamentos urbanos: agências bancárias, comércios, repartições públicas, etc.; uma área do pericentro (de transição entre o centro e a periferia) que pouco se difere da periferia devido à proximidade e por não apresentar mudança brusca na arquitetura e uma área do periurbano, onde há a prática de atividades típicas da zona rural, como a criação de aves e bovinos.

Também foi possível descrever o uso preferencial do solo: “convém observar [...] na economia capitalista [que o valor da propriedade imobiliária] não passa da renda que ela proporciona” (Maricato, 1982). Na cidade, nota-se que o centro ainda se caracteriza como o ponto urbano mais valorizado, tanto para a prática do comércio quanto para a moradia. Nele estão as principais residências e edifícios, cuja posse pertence, em sua maioria, à elite eloiense. Em relação à expansão urbana, há um predomínio na ocupação do solo a sudoeste da BR 491, rodovia construída posteriormente à fundação e à instalação dos primeiros bairros da cidade. A verticalização quase não existe, à exceção de alguns prédios públicos e residenciais que possuem de dois a quatro andares.

Há também um distrito industrial e dois bairros próximos mesclando conjuntos habitacionais e “autoconstruções”. O mais antigo, que antes ficava fisicamente distante da mancha urbana – separado pela rodovia e por elementos naturais – hoje faz parte dela, principalmente devido à abertura de uma via de escoamento que facilitou o tráfego de pessoas e veículos entre o mesmo e o centro da cidade. O bairro mais novo pode ser um reflexo da formação do distrito industrial, pois grande parte das residências construídas pertencem ou pertenceram aos trabalhadores das fábricas, salvo algumas exceções e situações em que os terrenos foram doados pela Prefeitura.

Tratando-se de uma rede urbana (comercial) em nível nacional, vê-se que o Município está diretamente interligado aos importantes polos atacadistas – localizados em São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde parte dos

comerciantes compram seus produtos. Sobre o número de estabelecimentos comerciais e a importância econômica que ali exercem, Manoel (2016) revela que:

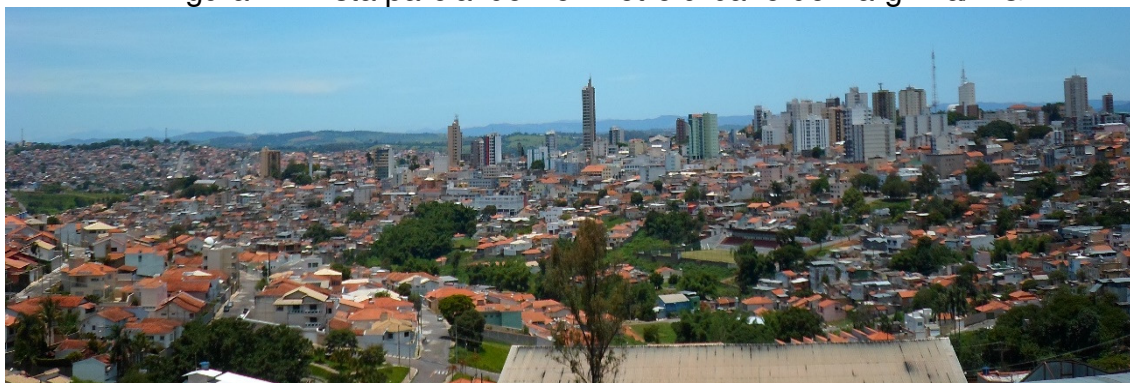
[...] é importante registrar que a área central da cidade de Elói Mendes, representada pelas ruas Coronel Horácio Alves Pereira, Silviano Brandão e Joaquim Brasiliano Pereira, dispõem juntas de um total de 154 pontos comerciais ativos [...] propiciando a ocupação direta de 600 funcionários, fato que torna o espaço o segundo ponto de maior concentração de empregos do município, atrás apenas do distrito industrial (p.42).

Sendo assim, observou-se que a pequena cidade é um núcleo de povoamento pouco denso, com arquitetura pouco diferenciada, a não ser pelo centro, mais valorizado. Possui mancha urbana relativamente contínua, de fácil visualização e identificação por um único ponto de observação. Esta possui um número reduzido de indústrias e forte dependência de recursos externos (sejam econômicos ou estruturais) de centros urbanos mais desenvolvidos. Entretanto, apesar de desempenhar uma função "coadjuvante" nas redes urbanas local e regional, lembramos que, no geral, o papel das pequenas cidades é muito importante para a base econômica nacional.

## **CIDADE MÉDIA**

Varginha (Figura 2) está localizada ao Sul do estado de Minas Gerais, distante 315 km da capital Belo Horizonte, a mesma distância da cidade de São Paulo e 400 km do Rio de Janeiro. A princípio, podemos classificá-la tanto como uma cidade de porte médio, de acordo com o número de habitantes, (132 mil) segundo estimativas do IBGE para (2016), quanto uma cidade "média não-metropolitana" que, para Andrade (2015), são aquelas "cujas prestações de serviços são resultantes de ações eminentemente locais e regionais".

Figura 2 - Vista parcial do Perímetro urbano de Varginha/MG



Fonte: Autor, 2016

Para diferenciar uma cidade de porte médio de uma cidade média não-metropolitana é necessário separar crescimento populacional e crescimento econômico. Os mesmos ocorrem pela descentralização do capital intensivo nas metrópoles, às quais as cidades de porte médio estão diretamente interligadas. O fato se deve à conurbação ou proximidade física e aos crescimentos urbano e econômico que acontecem de forma natural ou por fatores migratórios (ainda que sob influência indireta das metrópoles) que fazem das cidades médias, referências locais. Cidades médias são, portanto, aquelas que exercem o poder de polarização regional, enquanto que as de porte médio, apesar da densidade demográfica elevada, não possuem uma “polarização significativa”.

Para Andrade (2015), devido à posição geográfica do Sul de Minas Gerais, seus desenvolvimentos econômico e demográfico foram orientados, especialmente por São Paulo e Rio de Janeiro, metrópoles que representam uma “região de abastecimento”, pela proximidade. Entretanto, o desenvolvimento advindo deste abastecimento não aconteceu de forma uniforme nesta parte do Estado porque as cidades-destaque da região tiveram (e ainda têm) uma relação maior e mais intensa com as metrópoles do que entre si.

Por não ter havido uma interligação direta entre as mesmas, a polarização da região ocorreu de forma compartilhada entre Varginha, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Passos, Lavras, Itajubá e Alfenas. Estas localidades não seguiram a trajetória de Juiz de Fora (na Zona da Mata), Montes Claros (no Norte de Minas) e Teófilo Otoni (no Vale do Mucuri), cidades que polarizaram individualmente suas respectivas regiões.

Ainda segundo o autor, a polaridade na região sul mineira ocorre em escalas distintas, assim, “na hierarquia regional atual, Pouso Alegre e Varginha [que] estão em uma posição mais central no Sul de Minas Gerais [...] exercem influência em



outras cidades com expressiva importância na rede urbana regional”, como ocorre com Pouso Alegre em relação a Itajubá, e com Varginha em relação a Alfenas.

Historicamente, Ferreira (2016) aponta que as “transformações urbanas pelas quais o Brasil passou na transição do século XIX para XX também foram absorvidas por Varginha”, principalmente por haver na cidade um projeto político de urbanização local. Para a autora, por mais que os investimentos em imóveis rurais do Município fossem mais elevados do que os investimentos em imóveis urbanos, com o passar do tempo a situação foi se invertendo, de modo que boa parte dos moradores passou a desejar cada vez mais a vida na cidade:

Quando se iniciou o século XX, Varginha contava com elementos importantes para o crescimento de sua economia: os comércios, as primeiras fábricas e os bancos; teatro, clube recreativo e cinema; água potável, telefone e energia elétrica; eram elementos que, juntamente com os que surgiram no final do século XIX, chamavam as pessoas para habitar o espaço urbano (p. 01)

A Tabela 2 mostra a evolução populacional do Município nas últimas décadas e demonstra, a partir da análise dos dados, a concentração da população na área urbana, fato que colaborou para a instalação de diversas indústrias na cidade, atraídas pela oferta de mão-de-obra, facilidades logísticas e incentivos fiscais. É possível notar que há uma subjetividade neste caso: por um lado, a existência de mão-de-obra farta teria norteado a vinda das indústrias; por outro, pode-se entender que milhares de migrantes fixaram-se na cidade a partir das instalações das fabricas.

Tabela 2 - Evolução populacional de Varginha/MG entre 1970 e 2010

Ano	População Total	População Urbana	População Rural
1970	43.628	36.372	7.256
1980	64.904	57.774	7.130
1991	88.022	82.242	5.780
2000	108.998	104.165	4.833
2010	123.081	119.061	4.020

Fonte: IBGE- Censos: 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Organizado pelo Autor, 2016

Os dados indicam que, em quarenta anos, o Município apresentou uma taxa média de crescimento populacional de 2,63% ao ano, quase o dobro da taxa encontrada na cidade pequena, de 1,36%. Percebe-se, ainda, que a população total cresceu 280%, sendo que a urbana mais que triplicou, enquanto a rural se reduziu quase à metade. Em suma, além dos moradores que deixaram o campo e do crescimento natural, a cidade de Varginha recebeu uma quantidade considerável de migrantes de outros centros urbanos e regiões.

Comparando os resultados obtidos às taxas de crescimento do Brasil verificou-se que, no mesmo período, a população total aumentou 101,8%: a urbana, 204,2% e a rural reduziu 28,3% o que demonstra que em Varginha o crescimento foi mais expressivo. Um dos fatores que certamente contribuiu para esse aumento foi a instalação da Estação Ferroviária, em 1892, que facilitou a entrada de mais capital financeiro e humano na localidade.

Segundo informações extraídas do Espaço da Memória Cultural<sup>2</sup>, Varginha foi grandemente beneficiada com a mudança de traçado da Estrada de Ferro Muzambinho. Em 1892, ano em que a localidade foi elevada à categoria de comarca, chegou à cidade o primeiro trem trazendo um grande impulso econômico. No início da década de 1930 começou a construção de uma nova sede para a Estação, inaugurada em 1934, que já não comportava os serviços.

A concentração de mais moradores na cidade reconfigurou o uso e a ocupação do solo urbano, cuja caracterização é mais complexa do que na pequena cidade. Neste sentido, Amorim Filho e Sena Filho (2007) destacam que nas cidades que estão na transição entre os pequenos e os grandes centros urbanos e possuem algo “em torno de 50 mil a 150 mil habitantes [...] o zoneamento morfológico-funcional é bem mais diferenciado [...]”.

Partindo desta ponderação, nota-se: uma parte central densa, que chamaremos de centro histórico ou centro comercial principal, onde estão os edifícios mais antigos, as residências mais clássicas, bem como o comércio mais especializado; uma área pericentral, “formada, em cidades médias, por vários bairros nos quais predominam a função residencial”; uma periferia, mesclando ocupações de conjuntos habitacionais, condomínios fechados, bairros de classe média alta e áreas industriais e, por fim, embora pouco expressiva, áreas do periurbano.

Uma característica que difere a cidade média da pequena é a presença, ainda que modesta, de equipamentos urbanos típicos de metrópole, como *shoppings centers*, hospitais especializados, centros de saúde e campus universitários que atendem alguns Municípios próximos, fazendo com que o centro maior se torne referência para os demais. Neste sentido, Andrade (2015) revela que:

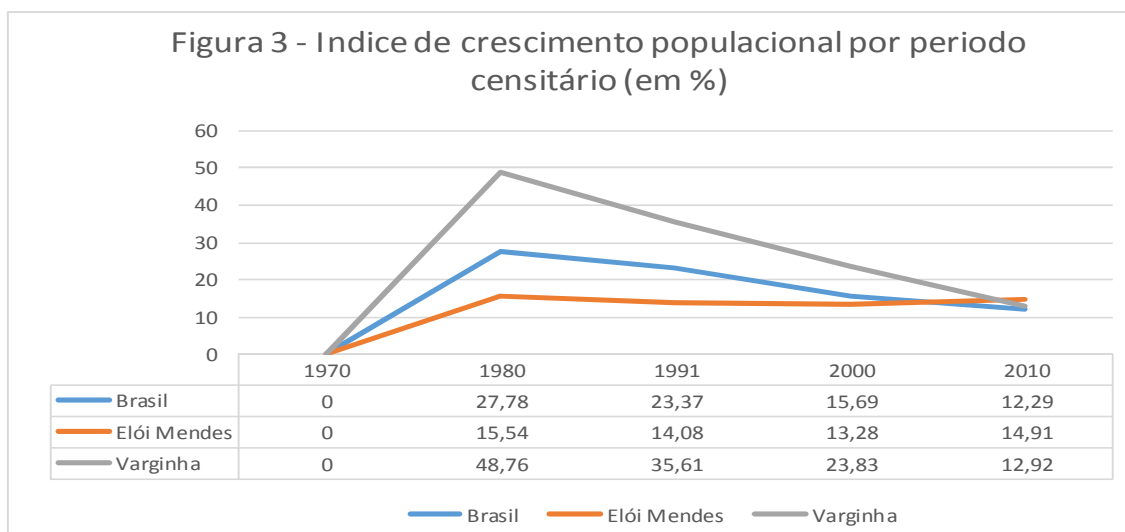
---

<sup>2</sup> ESPAÇO DA MEMÓRIA CULTURAL DE VARGINHA. Disponível em: <http://www.varginha.mg.gov.br/a-cidade/patrimonio-cultural> acessado em 15 de novembro de 2016.

[..] Neste caso, ao mesmo tempo em que uma cidade média apresenta vínculos afetivos com os principais centros econômicos e políticos de uma determinada rede, ela se apresenta como um espaço atrativo para o deslocamento de moradores de sua região de influência, por motivações diversas, como as práticas laborais, socioculturais, educacionais e de consumo (p.68).

Essas características são observadas em Varginha, que vem provocando movimentações pendulares de moradores de cidades próximas (principalmente de Elói Mendes, Três Pontas e Três Corações) rumo ao seu centro comercial ou bairros especializados, em busca de serviços específicos como clínicas médicas, centros educacionais de Ensino Superior, eventos de negócios, transportes rodoviários estaduais e interestaduais, redes de atacado e varejo, lojas de eletroeletrônicos, etc. Segundo Andrade (2015), este fato é reflexo da “diversificação das atividades comerciais e de serviços, ambas aliadas à ampliação do mercado consumidor local”.

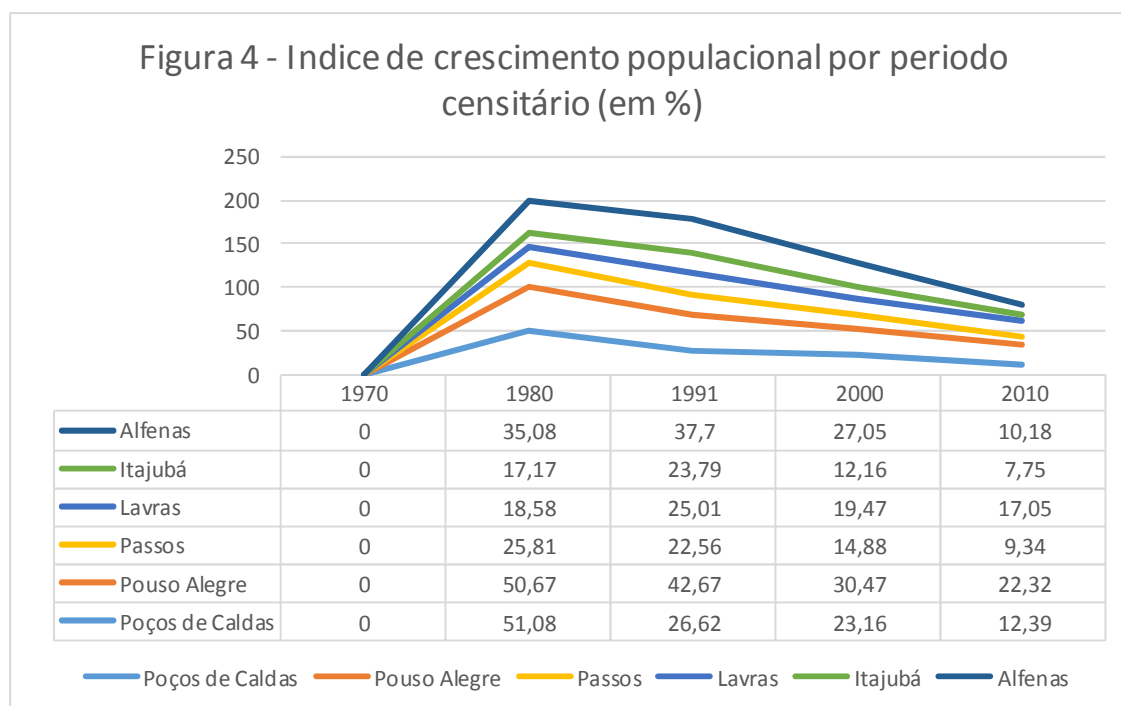
O desenvolvimento econômico em uma cidade média ocorre por uma correlação de fatores, alguns indispensáveis à instalação das indústrias, como a logística, os incentivos fiscais, a disponibilidade de mão-de-obra e aportes físicos, como no caso do potencial energético. Apesar do exposto, a Figura 3 indica uma queda no índice de crescimento populacional nas últimas décadas que pode ser reflexo da redução em investimentos públicos e privados no Município, aliada à diminuição na taxa de natalidade.



Fonte: Dados do IBGE. Organizado pelo Autor, 2016

Os dados acima indicam que, entre 1970 e 1980, Varginha teve uma taxa de crescimento maior do que a registrada no Brasil, três vezes maior do que a registrada em Elói Mendes. Porém, nas décadas seguintes, os índices reduzem gradativamente. De 1991 a 2000, nota-se que tanto Varginha como o Brasil apresentaram uma redução no índice de crescimento em torno de 33% (censo do ano 2000 em relação ao de 1991), enquanto Elói Mendes teve uma redução de 06%. No período posterior (de 2000 à 2010), há um fato interessante: o Brasil conseguiu frear a queda (de 33% para 22%), enquanto Varginha continuou no processo de redução, apresentando queda de 46%. Em contrapartida, Elói Mendes não apresentou diminuição no período relatado.

Essa queda no ritmo de crescimento populacional ocorrido em Varginha foi observada também em Poços de Caldas, Pouso Alegre, Alfenas, Lavras, Passos e Itajubá, cidades com quem divide a polarização da região. Conforme a Figura 4, todas apresentaram quedas, o que pode interferir negativamente em sua economia em um futuro próximo, tendo em vista que o desenvolvimento econômico das cidades demanda, dentre outros elementos e variáveis, a manutenção (a reposição) da mão-de-obra. Ainda lembramos que, embora estejamos em um momento em que a mecanização tem substituído cada vez mais os serviços braçais, em certos casos, a mão-de-obra humana ainda se faz muito necessária.



Fonte: Dados do IBGE. Organizado pelo Autor, 2016

Uma característica da cidade média e, principalmente, da grande cidade, é a existência de subcentros, ou seja, núcleos secundários ou complementares do

centro principal. Esses espaços, que surgem na medida em que há uma expansão horizontal, oferecem aos moradores de bairro quase todos os serviços ofertados no centro principal, “evitando” que moradores se desloquem para este com mais frequência em busca dos serviços menos especializados. Nesse sentido, Villaça (1998) revela que “o subcentro consiste, portanto, numa réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em parte sem, entretanto, a ele se igualar”.

Para evidenciar essa característica, considerou-se como subcentro a localidade que concentra grande número de estabelecimentos comerciais em um espaço descontínuo da área comercial do centro, ou seja, entre o novo ponto de aglomeração comercial e o centro principal deve haver uma predominância de ocupação residencial para que o subcentro não seja confundido com uma “extensão física do centro” ou com o “pericentro-comercial”.

Nestas condições identifica-se um único subcentro, ainda em fase de consolidação, localizado à avenida Doutor José Justiniano dos Reis, no bairro Sion. O trajeto (de 1 quilômetro) possui um número significativo de estabelecimentos comerciais (ao todo, 124/jan. de 2017), entre os quais: padarias; supermercados; lanchonetes; postos de combustíveis; lotérica; consultórios odontológicos salões de beleza, etc. Os mesmos oferecem aos moradores da localidade e adjacências serviços que antes só poderiam ser encontrados no centro da cidade.

Além do subcentro, nota-se a presença de três condomínios fechados horizontais e inúmeros outros verticais, bairros especializados – um deles com dezenas de clínicas médicas, conjuntos habitacionais populares e um *shopping center* – localizado próximo ao aeroporto e ao centro da cidade, que sedia também importantes filiais de redes de TV e dezenas de fábricas, que fazem deste centro urbano um destaque entre as cidades médias da região.

Ao final desta segunda análise, realizada por meio das práticas de observação e descrição do espaço estudado e da literatura, conclui-se que Varginha pode ser classificada como cidade média por ser uma transição entre a pequena e a grande cidades, por concentrar expressivo número de habitantes e expressar uma centralidade em nível regional, ainda que de forma compartilhada. Quanto à sua paisagem intraurbana, embora existam áreas não ocupadas, a mancha urbana é contínua, crescente mais a norte e oeste, do que para outras direções.

A descontinuidade observada na ocupação do solo urbano (salvo áreas de proteção ambiental e de uso comum) é temporária e/ou proposital, sendo tais áreas, provavelmente, loteadas no futuro e revendidas por um alto valor agregado. Percebe-se, ainda, embora sutilmente, traços encontrados em metrópoles, como a presença, ainda que pequena, de “corredores de vento” entre os prédios do centro e um movimento considerável de pessoas de fora da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações diretas realizadas nos centros urbanos de Elói Mendes e Varginha possibilitaram a compreensão de que, embora exista proximidade física entre as duas cidades (14 km), fatores como a intensificação dos processos de industrialização e urbanização e o desenvolvimento dos meios de circulação, em especial, dos meios de transporte, fizeram com que uma cidade sobressaísse à outra. Em relação às paisagens urbanas, a diferença é notória tanto na estrutura física – ruas, avenidas, casas, prédios, poluição (sonora e visual) – quanto na presença, no caso de Varginha, de uma segregação espacial mais latente. Nota-se, ainda, que a percepção de tempo é distinta: na cidade menor prevalece o ambiente calmo e sereno, enquanto na maior, devido ao maior e mais constante fluxo de pessoas, a agitação, os congestionamentos e o *stress* cotidiano são mais presentes.

O uso do solo, ao menos no centro da cidade, é semelhante, mais valorizado e monopolizado por quem possa pagar pelo seu uso. Nas demais divisões do espaço urbano tudo se difere, a exemplo do tipo de habitação e as concepções de centro e periferia. Em Elói Mendes vê-se que o centro, ainda pelo seu simbolismo, é a morada dos afortunados locais, já em Varginha ocorre o contrário, visto que grande parte dos moradores abastados preferem as áreas periféricas, pela tranquilidade e privacidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIN FILHO, O. B. e SENA FILHO, N. S. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Ed. Vieira, 2007.
- ANDRADE, A. C. As cidades médias e suas inserções nos espaços regionais: o contexto do Sul de Minas. **Revista Territorium Terram**, v. 3, n. 5, 2015.
- CAMPOS, A., SILVA, C.A. **Metrópoles em Mutação** - Dinâmicas Territoriais , Relações de Poder e Vida Coletiva. ed. Rio de Janeiro: REVAN& FAPERJ, 2008. 289p
- CORREA, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **Geosp - Espaço e Tempo**, n 30, São Paulo, 2011.
- CORREA, R.L. **Estudos Sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- FERREIRA, N. S. Transformações no espaço Urbano da cidade de Varginha (1882-1920). **XX Encontro Regional de História: História em Tempos de Crise**. Uberaba/MG, 2016.
- FIGUEIREDO, F. C. Elói Mendes **Hoje e Ontem** - Os “Casos e Causos” que a Mutuca não conta mais. 2ª ed. Elói Mendes: Ney artes gráficas, 2015.
- MANOEL, L. Dinâmica Econômica e o Crescimento Populacional da cidade de Elói Mendes nas últimas Quatro Décadas. **IV Semana Científica da Geografia**. Alfenas, 2016.
- MANOEL, L. Dinâmica Socioeconômica da Rua do Comércio da cidade de Elói Mendes/MG. 50f. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2016.
- MARICATO, E. **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. ed. Alfa-Omega, São Paulo, 1982.
- ROMA, C. M. Segregação socioespacial nas cidades pequenas. 156f. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Presidente Prudente, 2008.
- SINGER, P. O uso do solo urbano na economia capitalista. In: MARICATO, Ermínia (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.
- SPÓSITO, E. S. **Redes e Cidades**. São Paulo: Unesp, 2006.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.
- Número Especial da Revista Estudos Geográficos – XIII Seminário da Pós-Graduação em Geografia, Rio Claro, 15(0): 2-16, jan./jun. 2017 (ISSN 1678—698X) <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>